

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ADOTADAS COMO ATO DE FORMAÇÃO CRÍTICA DAS CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

I

G. de. O. da S.¹
A. K. S. M.²

RESUMO

O presente estudo versa sobre as principais práticas adotadas pelas professoras do ensino fundamental, para o desenvolvimento da formação crítica do aluno, utilizando a leitura. A pesquisa teve como objetivo geral discutir sobre as práticas das docentes, bem como, o uso da leitura como artifício, para o processo de desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos do 1º ano do ensino fundamental em uma escola privada de Fortaleza-CE. Os objetivos específicos formam: (i) verificar as dificuldades das professoras no desenvolvimento de estratégias de motivação das crianças na prática da leitura e (ii) identificar as principais práticas pedagógicas adotadas para o enfrentamento de possíveis problemas. Utilizou-se a abordagem qualitativa, sendo caracterizada como exploratória e descritiva baseada em Markoni (2008), Minayo (1994) e Gil (1994) e participaram duas professoras do 1º ano. Para o embasamento teórico foram usadas as seguintes literaturas: Carvalho (1959), Petit (2008) e Freire (2000) entre outras. Os resultados apontam que as professoras sentem mais dificuldades com parceria da família, e com a motivação das crianças para o desenvolvimento da leitura. Constatou-se também, que as práticas das participantes são motivadas, e utilizam-se de estratégias de estimulação com diversos recursos para introduzir os alunos no processo de aquisição da leitura.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, Motivação da leitura, Formação crítica.

INTRODUÇÃO

A motivação pela escolha desta temática se deu pela percepção da relevância da leitura, pois entendemos que a leitura abre portas para o mundo, pois compreende-se a real relevância da leitura, assim, ler é algo imprescindível para o indivíduo em si. Foi através da mesma que se pode examinar o mundo em sua volta de uma forma mais crítica. Pesquisar a temática da importância da leitura como prática pedagógica na formação do sujeito, fez com que a pesquisa, pudesse refletir como as crianças nas escolas têm sido apresentadas a esse instrumento de inserção social e de descoberta do mundo.

Desta forma, a pergunta que norteou essa pesquisa foi: quais as práticas pedagógicas utilizada pelas pesquisadas, em prol da formação crítica, de seus alunos? Para responder este questionamento, o objetivo geral foi: discutir sobre as práticas das docentes, bem como, o uso da leitura como artifício, para o processo de desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos do 1º ano do ensino fundamental privada de Fortaleza-CE. Quanto aos objetivos específicos, interessou: (i) verificar as dificuldades das professoras no desenvolvimento de

¹ Graduando do Curso de pedagogia faculdade cearense - FAC, gabriellasilva8548@gmail.com;

² Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC, Especialista em EJA para Professores do Sistema Prisional do Ceará - UFC, Pedagoga pela - UFC, katiassoaresmaciel@gmail.com;

estratégias de motivação das crianças na prática da leitura e (ii) identificar as principais práticas pedagógicas adotadas para o enfrentamento de possíveis problemas.

De acordo com Carvalho (1959), pode-se notar que a criança quando estimulada a leitura, desenvolve sua criticidade e percepção do mundo em sua volta. Sendo a literatura infantil um instrumento motivador e desafiador para a construção de um indivíduo autônomo em sua aprendizagem.

Esta pesquisa está embasada em literaturas que defendem também a leitura como artifício de construção social, sendo assim vejamos novamente o que Carvalho (1959, p. 72) diz: “[...] formar e desenvolver o hábito e o gosto da leitura; disciplinar a atenção; estimular a inteligência e a memória; cultivar a imaginação [...]”. Vemos como a leitura é importante pois atua como estimulante para diversas áreas no cérebro, sendo ela desenvolvida da forma correta.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Hoffmann (1996, p. 20) afirma que:

A leitura faz com que o leitor entre num processo de participação dos valores culturais da humanidade! A pessoa que lê se torna mais consciente da realidade que a cerca, conseqüentemente se torna mais livre e tornando-se mais livre torna-se mais responsável e dentro de uma linha de evolução tornar-se-á mais feliz.

Dessa forma, Hoffmann (1996) diz que o indivíduo que ler ele entende o valores da humanidade, tornando-o mais responsável, pois o mesmo entende sua realidade. Vejamos a seguir o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu em uma escola privada de ensino fundamental, localizada em uma área nobre da cidade de Fortaleza-Ce, na qual possui 160 alunos regularmente matriculados. Participaram da pesquisa duas professoras que responderam um questionário contendo 11 (onze) perguntas.

O estudo possui uma abordagem qualitativa, caracterizada como exploratória e descritiva baseada em Gil (1995) e Minayo (1994). Ao descrever a pesquisa com abordagem qualitativa, Minayo (1994, p. 21-22), afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos á operacionalização de variáveis.

A abordagem qualitativa está evidenciada nesta pesquisa, pois a pesquisa procura respostas para fatos sociais, bem como, fato que influenciam a mesma. Tendo como finalidade, conseguir dados voltados para entender motivações e comportamentos de determinado grupo de pessoas, no caso desta, a formação crítica dos alunos, usando a leitura como forte artifício, é necessário entender que o trabalho, considera apenas aspectos subjetivos, não sendo traduzidos para números.

Assim, de acordo com Gil (2002, p. 50), a respeito da pesquisa exploratória, objetiva “(...) proporcionar maior familiaridade com um problema; envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos.” A pesquisa é de característica exploratória, pois foi-se a campo para saber qual o funcionamento do *lócus*, e principalmente a forma que as professoras pesquisadas trabalham.

Com relação a pesquisa descritiva Gil (1991, p. 207), afirma que: “A investigação se justifica com essa tipologia, por se tratar de uma pesquisa de campo e descreve o fenômeno observado (...)”. Nosso estudo se configura como descritiva, pois ocorreu uma visita de campo, a fim de saber como funciona este processo na escola observada.

Referente ao questionário, Gil (1991, p. 207), afirma que: “(...) objetiva descrever as características de certa população ou fenômeno, ou estabelecer relações entre variáveis; envolvem técnicas de coleta de dados padronizadas (questionário, observação); assume em geral a forma de levantamento (...)”. É uma análise mais detalhada no que se diz respeito ao tema, uma descrição de todos os fatos apresentados na pesquisa que em nosso estudo é descrever todas as observações realizadas em campo, bem como os questionários.

A pesquisa de campo teve como finalidade entender o funcionamento da escola. Assim, Gil (1991, p. 4) caracteriza pesquisa de campo como:

Procura o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa.

Este tipo de pesquisa ocorre quando o pesquisador vai a campo em prol de comprovar se seu estudo está certo ou não, que em nosso estudo em busca de responder os questionamentos levantados.

Participaram desta pesquisa duas professoras alfabetizadoras do 1o ano, foram escolhidas apenas essas duas, pois na unidade pesquisada, são as únicas professoras do fundamental, sendo que a participante A, ministra aula no turno da manhã para os 9 alunos, e

a participante B, ministra aula para as 4 crianças que ficam no período da tarde. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário contendo 11 (onze) questões, que através das mesmas, buscam responder o problema da pesquisa.

Foram realizadas observações, registros no diário de campo, e conversas informais com os entrevistados da escola pesquisada. A fim de fundamentar a utilização de questionário para a coleta dos dados.

De acordo com Andrade (2009) os questionários são meios que se aplicam as técnicas selecionadas, em que, primeira pesquisa-se o assunto para depois elaborar o mesmo, sendo assim, ser algo exclusivo, pois cada questionário atende as necessidades de um estudo específico, não se encaixando em outro.

Corroborando com Andrade (2009), Marconi & Lakatos (1999, p. 100), afirmam que questionário é um “(...) instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. Desta forma, o pesquisador elabora as questões, a fim de que os participantes da pesquisa respondam a partir de seus conhecimentos prévios.

No que se refere diário de campo, Macedo (2010), aponta-o como um instrumento que serve para o pesquisador, compreender a rotina dos pesquisados, sendo ele, um dispositivo de investigação. Macedo (2010) ainda diz que, além de sua ação em prol de conhecer e registrar os feitos dos participantes, o diário de campo serve com reflexão para o pesquisador, pois os mesmo descreve o que observou, e tira suas conclusões.

Nos instrumentos da pesquisa foram utilizadas perguntas abertas, para que a pesquisadora pudesse saber a opinião das duas professoras participantes. Nas questões abertas, Matta (2008, p. 347) afirma que os “(...) respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras e não se prendem a escolhas de alternativas”. Esse tipo de questão é usado a fim de que os entrevistados possam expor suas opiniões, ou até mesmo, mostrar se tem conhecimento de fato do assunto.

DESENVOLVIMENTO

Despertar a leitura desde cedo é algo desafiador, favorecendo o acesso à leitura no cotidiano escolar, propiciando aos educandos um ambiente acolhedor, requer uma reflexão acerca do assunto. Ler se faz necessário para que as pessoas possam atuar de forma consciente e crítica em nossa sociedade. O ato de ler acontece com o decorrer dos anos, ou seja, na prática cotidiana, pois vão além de decodificações de códigos, símbolos ou sinais.

É correto afirmar que quanto mais cedo for feita a introdução da leitura, mais cedo surgirão bons resultados, como as crianças sentem-se atraídas por livros. Deste modo, a infância é fator crucial no desenvolvimento e introdução da leitura, deve ser despertado e explorado na educação infantil a imaginação da criança para este mundo, fazendo-lhes viajar naquilo que lhes foi apresentado, desta forma, a introdução da leitura está sendo apresentado de forma lúdica.

Para Carvalho (1959, p. 72), a literatura infantil tem por objetivo: “(...) formar e desenvolver o hábito e o gosto da leitura; disciplinar a atenção; estimular a inteligência e a memória; cultivar a imaginação (...)”. A imaginação humana é a porta para o conhecimento, esse for explorado desde a mais tenra idade da criança, certamente haverá resultados positivos, daí a importância da educação infantil em enriquecer essa imaginação de forma saudável, cultivando sendo o hábito da leitura e a liberdade.

O ato de ler pode ser apresentado e explorado enquanto criança, alimentado durante a adolescência e assim cultivado pelo resto da vida, no constante desejo de decifrar e interpretar as coisas em sua volta, desenvolver o gosto pela leitura, enxergando o mundo sob diversas percepções, sabendo separar ficção e realidade, também são diversas formas de ler, tal prática se faz presente desde o momento que tentamos compreender algo.

Estamos em um momento que a leitura é significativa, pois vemos que existem diversas possibilidades de introduzir a literatura infantil. Pode-se citar, a exemplo disto: os livros de banho, ou seja, até no banho a criança pode ser inserida no âmbito da leitura, mesmo que ainda não compreenda este ato lúdico, bem como, a família pode começar tal prática em casa. Da mesma forma, nas turmas de berçário, os professores podem realizar este tipo de estimulação.

Sendo assim, foi criado no Ceará em 2007, o Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC). Este documento afirma que o livro é um instrumento de cidadania, pois, através do mesmo, pode-se ampliar os horizontes, capacidade crítica e inventiva, então a um grande importância do livro ser democratizado, pois quanto mais cedo o livro entrar na casa das crianças, será mais fácil o desenvolvimento de habilidades e competências da leitura e escrita.

Um dos primeiros incentivos para a criança ler, é necessário que ela conviva com leitores, e na escola isso não pode ser diferente. Em sala de aula o famoso cantinho da leitura, é essencial para que as crianças vejam aquele espaço, como algo atrativo, que chame sua atenção.

Este hábito pode despertar o prazer de ler na criança, sendo necessário que elas ousem a contação de forma mais atraente, e os que leem, no caso as docentes incorporem através da

voz os personagens existentes na história. Esse cantinho não deve estar presente somente na educação infantil, se faz necessário também nos primeiros anos do ensino fundamental.

Nessa perspectiva, a escola torna-se agente direto na construção de novos leitores, visto que a leitura é algo que amplia conhecimentos e modifica ideias já existentes. Além domais, surgem novas ideias, garantindo ao discente a autonomia necessária para a aquisição dos conhecimentos construídos historicamente pela humanidade.

Como o PAIC cita, as crianças devem ter acessos aos livros, deve ser algo democratizado. Assim, Hoffmann (1996) diz que, a leitura faz com que o indivíduo adentre em processo de valores humanos culturais, tornando-o mais consciente, livre e com essa linha de evolução torna o sujeito mais feliz.

Portanto, a função do educador passa a ser ainda mais relevante, pois é dever do mesmo promover aos seus discentes, um contato maior com a fantasia. Visto que, pode ser dessa forma que as crianças descubram novas coisas, quando a sua imaginação é aguçada.

Logo pois, Silva (2002, p. 22) acredita que é importante que o educador, “(...) além de posicionar-se como um leitor assíduo, crítico e competente, entenda realmente a complexidade do ato de ler”. Seguindo essa linha de pensamento de Silva (2000), o professor além de ser um leitor, ele precisa ter entendimento, do que de fato significa, e o quão é benéfico ser um leitor.

Portanto, o professor para cobrar tais atos dos alunos, e principalmente formar leitores assíduos, apaixonados por ler. O mesmo precisa ter a leitura em seu cotidiano, entendendo a dimensão de suas responsabilidades. A formação de um leitor requer muita dedicação, e principalmente muito trabalho. O professor deve deixar bem claro o quanto ama ler, falando sempre com muito entusiasmo, para que assim, os alunos sintam-se atraídos a entrar neste universo.

Nessa perspectiva, Petit (2008, p. 160) afirma que “(...) para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”. Desta forma, o aluno irá sentir-se atraído, sua leitura será prazerosa e conseqüentemente se tornará algo contínuo. Desenvolvendo novas atitudes e hábitos, e com certeza, contribuindo para a construção de novos saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta pesquisa duas professoras do 1º ano, uma que atua com 9 (nove) alunos pela manhã e outra com os alunos do período integral à tarde, no caso 4 (quatro) alunos. A professora participante A tem 25 anos, atua a 6 anos na educação, e sua formação

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

consistes em pedagogia e pós-graduada em gestão pedagógica. A professora participante B tem 36 anos, atua a 13 anos na educação e não possui outras formações.

Assim, vejamos a seguir as análises da pesquisa de campo registrada em diário de campo pela pesquisadora. Acerca *da importância da leitura* ao que se referem à compreensão das respondentes as mesmas afirmam que:

Professora A: “Considero a leitura importante, pois ela é fundamental para o desenvolvimento educacional, fortalece o cognitivo, e com as informações pode-se desenvolver um pensamento crítico”.

Professora B: “Sim, a leitura é essencial para qualquer segmento, seja essa leitura somente visual ou não. Ler da autonomia para o aluno buscar o próprio conhecimento, aquilo que desperta seu interesse”.

Ao serem perguntadas com relação *a importância do desenvolvimento da leitura por crianças em ciclos de alfabetização*, ambas as participantes consideram a leitura como relevantes. Assim, observa-se o que Hoffmann (1996, p. 20) afirma a cerca da importância de ler:

A leitura faz com que o leitor entre num processo de participação dos valores culturais da humanidade! A pessoa que lê se torna mais consciente da realidade que a cerca, conseqüentemente se torna mais livre e tornando-se mais livre torna-se mais responsável e dentro de uma linha de evolução tornar-se-á mais feliz (HOFFMANN, 1996, p. 20).

A pesquisadora compreende a leitura como algo que é de extrema importância, pois com ela, os alunos podem ir além, um discente que tem sua imaginação aguçada, ele nunca fica estagnado (HOFFMANN, 1996). Ainda de acordo com Hoffmann (1996), o livro leva o leitor a uma consciência maior, diante do mundo que o cerca, bem como, traz inúmeros benefícios para suas vidas.

Quanto *às estratégias de leituras* as respondentes afirmam que:

Professora A: “Transformar a leitura em algo prazeroso, com conteúdos do interesse da criança.”

Professora B: “Fazer do momento da leitura algo prazeroso, está em um ambiente tranquilo e confortável; Buscar sempre leituras interessantes e de acordo com a idade.”

Ao indagar as professoras, *quais suas estratégias de leituras, bem como a forma de motivar os alunos*, as pesquisadas têm as mesmas práticas, pois as mesmas acreditam que o ponto de partida deve ser trazer leituras que as crianças gostam.

Carvalho (1959, p. 5), evidencia o papel do professor, referente à motivação dos seus educandos com a seguinte afirmação: “(...) recomendar às jovens professoras que elas saibam

orientar as leituras, de acordo com a idade do educando e, conseqüentemente, com os seus interesses, sabendo substituir tudo aquilo que não convém à formação psicológica da criança (...). Assim, o educador, está na sala como um mediador de conhecimento, muito mais que motivar, é atrair a criança para esse universo.

Cabe ao mesmo, desenvolver diferentes atitudes para ajudar seus discentes, a entenderem, e principalmente passarem pelo processo da aquisição da leitura, bem como, entender o que leem. Estas estratégias necessitam levar em conta a realidade e a idade do educando, o professor precisa retirar tudo aquilo que contribui de forma negativa para sua aula, no caso levar consideração a formação psicológica dos discentes.

Referente a *importância da leitura*, na visão das professoras participantes as mesmas dizem que:

Professora A: “Sim, com a leitura o aluno fica mais comunicativo, seguro buscando cada vez mais o conhecimento.”

Professora B: “Sim, pois acredito que a leitura dá muito mais autonomia e segurança para o aluno buscar o conhecimento.”

As respondentes acreditam que a leitura é algo benéfico para o sujeito, no ponto de vista das mesmas, um aluno que ler, desde os anos iniciais do ensino fundamental I, é mais comunicativo, autônomo, e principalmente seguro.

Freire (2003) afirma que é imprescindível que o educador se posicione enquanto leitor, e saiba a importância da leitura, para que assim, o educador possa incentivar aos seus alunos, e eles percebam esta prática dentro de sala de aula. É correto afirmar que, é importante que a família também se posicione como leitores, pois a base da criança é formada dentro de casa, a família enquanto instituição formadora, precisa dessa consciência, entendendo seu papel. Porém, essa afirmação não é algo superado, pois existe a desigualdade social, e com isso, muitas famílias não sabem ler, e conseqüentemente, não conseguiram influenciar tanto neste processo.

Em relação ao *pensamento crítico*, tendo como base principal os conhecimentos prévios das duas participantes, as mesmas afirmaram que:

Professora A: “São pessoas argumentativas, que observam as opiniões diversas, e se apossam de suas próprias ideias.”

Professora B: “São as pessoas que possuem opinião sobre determinados assuntos, questionadoras.”

As respondentes possuem ideias complementares a respeito do assunto, pois a respondente A afirma que há pessoas com senso crítico desenvolvido, elas são observadoras, e

veem tudo em sua volta, escuta as outras opiniões, e tiram para si o que as mesmas acreditam ser o certo. Já a respondente B, afirma que a pessoa com senso crítico desenvolvido ela tem sua opinião, independente das posições alheias, ela á tem a sua, e que é dispensável saber as dos outros, pois ele mesmo tem a sua. Freire (2000) afirmar que primeiro o indivíduo inserido no universo, deve fazer uma leitura de mundo, ou seja, ele precisa se entender, e entender como funciona o seu meio, para que assim, pois essa leitura é muito mais importante.

Em confronto com alguns sistemas de ensino, Freire (2000), afirma que para a formação do aluno, é muito mais importante que ele leia o mundo em sua volta, ou seja, veja-o como agente transformador, do que ele decodifique a palavra escrita, ou da língua escrita. Para que o aluno leia o mundo, é necessário primeiro que ele se entenda como agente de mudanças na sociedade, que ele se encontre primeiro. E essa consciência é desenvolvida em todo o seu meio social, na escola, e principalmente em casa, com a sua família, visto que, a criança passa mais tempo com a família, do que com a escola.

Em relação à *família como agente direto na formação crítica das crianças*, as mesmas relataram o seguinte:

Professora A: “Sim, pois ela é a base da formação moral e ética”.

Professora B: “Sim, considero a família como agente direto, pois acredito que ela está ligada a formação moral, ética, e crítica de seus filhos”.

Para as participantes, a família é fator chave na formação crítica do sujeito de acordo com Tiba (2007, p. 63), “As crianças precisam ser protegidas e cobradas de acordo com suas necessidades e capacidades, protegidas nas situações das quais não conseguem se defender, e cobradas naquilo que estão aptas a fazer”. Deste modo, a família deve criar uma balança referente a criança, pois não deve-se cobrar tanto, e é importante que seja protegida.

A formação do leitor consciente, crítico e letrado, representa um resultado de uma série de condutas motivadoras no processo do ato de ler e refletir, não só de acordo com o texto literário, estudado em sala, porém sob a sua própria circunstância de ser inserido no mundo. E, para entender o mundo em que está inserido, é necessário que a família entre em parceria com a escola, pois aluno é transitório, e na condição de família, o aluno terá a mesma para sempre, então a família necessita entender seu papel.

Em relação às *dificuldades enfrentadas pelas participantes em relação ao desenvolvimento do processo de aquisição da leitura*, foi possível perceber nas respostas das participantes que enfrentam dificuldades, assim vejamos a seguir as respostas.

Professora A: “Enfrento dificuldades em alguns casos, quando não existe parceria, por parte da família.”

Professora B: “Alguns alunos ainda estão no processo, a leitura deles é mais visual (leitura de imagens); Em meio a tecnologia é algo que nos deixa em desvantagem”.

Pode-se observar que as professoras pensam de maneiras diferentes, a respondente A, afirma que só encontra dificuldades quando não existe parceria da família, e acredita que a família quando participa de todo o processo de aquisição da leitura. Já a respondente B, diz que alguns alunos ainda estão em processo de aquisição da leitura, e a mesma afirma que em relação à tecnologia o processo está em desvantagem.

Sendo assim, Gadotti (2002, p. 16), afirma que “(...) o professor é mediador, e o aluno é o sujeito direto em sua própria formação”. Nesse sentido, o professor, independente da participação ou não da família, ele é um mediador, e o aluno independentemente de sua classe social, ele sempre será a pessoa no qual, irá decidir ou não, o modo de a aquisição do conhecimento.

A pesquisadora de maneira informal, indagou a respondente B, a cerca dessas desvantagens, a mesma afirmou que os alunos mesmo estando no início do fundamental I, estão muito ligados a tecnologia, e é difícil despertar o gosto pela leitura, em alunos “viciados” no celular.

Diante das dificuldades apresentadas, as mesmas responderam quais as estratégias criadas por elas para superar essas dificuldades, assim vejamos:

Professora A: “Fazer acompanhamento maior em sala sempre que possível, e solicitar a participação dos pais, muito das vezes ensinando-os aos pais como realizar as atividades.”

Professora B: “Fazer do momento da leitura algo interessante com histórias que chamem atenção dessas crianças. Fantoche por exemplo é algo que eles gostam muito.”

As pesquisadas descreveram suas estratégias, porém, na visão da pesquisadora deste trabalho, tais estratégias são ultrapassadas, introduzir o aluno no processo, vai além de apenas contar histórias, ou fazer do momento da leitura algo atrativo. É necessário que o educador enquanto sua prática entenda que ler é algo que vai, além disso, tudo é necessário empenho maior para introduzir e formar futuros leitores assíduos.

Neste contexto, Nunes *et al.* (2012, p. 15) afirmam que: “(...) é preciso entender que gostar de ler não é um dom, mas um hábito que se adquire. Investir em pequenos leitores é uma das muitas maneiras de semear futuros leitores assíduos”. O docente precisa entender que ler, é um hábito que é adquirido com o tempo, não é um dom, é necessário que tenha um investimento maior por parte do docente, acreditar que aqueles alunos são o futuro da nação, e precisam estar preparados para essa posição, é o primeiro passo para essa consciência enquanto professor.

Entendendo que não é apenas, acompanhá-los nas leituras, e sim, motivá-los, ajudá-los a ter consciência do seu papel, mesmos crianças, porém, é necessário que todo esse contexto de papel social, seja inserido de forma lúdica, para traí-los, para que os educandos sintam prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, a pesquisa ocorreu em prol de identificar as dificuldades, práticas pedagógicas e quais artifícios utilizados como ato formativo das crianças. Identificamos que a leitura é um poderoso ato formativo crítico, pois assim, as crianças de forma lúdica, aprender a ler, não somente o livro em si, mas uma leitura de mundo, pois, quem ler, aprende a indagar, e quem indaga tornar-se um ser crítico.

Percebeu-se com a pesquisa, que a leitura é um forte aliado na construção e formação do indivíduo, porém, é correto afirmar que no 1º ano do ensino fundamental, os discentes ainda estão em processo de aquisição da leitura, sendo necessário que o desenvolvido do senso crítico seja explorado nas séries seguintes.

No decorrer da pesquisa pode-se observar, que mesmo que os alunos não saibam de fato ler, os educadores podem influenciar de forma positiva e “agilizar” o processo de formação crítica do sujeito, tornando um momento lúdico e agradável para os alunos.

Bem como, é correto afirmar que o ato de ler não está totalmente ligado somente a escrita, à leitura evidencia que, o sujeito é capaz de compreender as diversas formas de expressão através das múltiplas linguagens, visto que, entender o mundo que os rodeia, a fim de que possa posicionar-se através de suas próprias opiniões.

Referente as práticas pedagógicas, as professoras participantes utilizam estratégias de estimulação com diversos recursos para introduzir os alunos no processo de aquisição da leitura, bem como, incentivá-los a serem leitores assíduos. Então com o estudo realizado, ficou entendido, que é possível, a partir de algumas práticas pedagógicas, proporcionar o desenvolvimento do hábito de ler.

Em resposta ao questionário aplicado as duas professoras do 1º ano, identificamos que não existe algo inovador para despertar o pensamento crítico de seus alunos, porém, as professoras utilizam-se de alguns artifícios para o incentivo da leitura, como jogos, e atividades atrativas, bem como, leituras de conteúdos que chamem atenção dos alunos.

Outro fato que chamou atenção, é que a turma conta com 9 (nove) alunos matriculados, sendo que 4 (quatro) desses alunos, são do período integral, ou seja, passam o dia na escola. Sendo assim, no ponto de vista da pesquisadora, pelo fato da turma ter poucos

alunos, torna-se quase um pressuposto que toda prática em prol do desenvolvimento da leitura, e pensamento crítico, será atingido.

Porém, entende-se que para que esses objetivos sejam alcançados é necessário apoio dos pais, professoras empenhadas e principalmente alunos motivados. Para que assim, a escola possa formar alunos leitores, com senso crítico desenvolvido, e principalmente atuantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BRASIL. MAIS PAIC. Disponível em MAIS PAIC SEDUC:<http://www.paic.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/eixos-do-programa/eixo-deliteratura-infantil-e-formacao-de-leitores>. Acessado em 07 de abr. de 2019.

CARVALHO, B. V. **Compêndio de Literatura Infantil: para o 3º normal**. 1559, p 22.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz, 2002.

GIL, A. C, 1946-. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002. p. 50

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p. 44. 1991.

HOFFMANN, R. da S. **A aprendizagem da criança pela leitura**. Florianópolis: UFSC, 1996. p. 20.

MACEDO, R. S. **Etno pesquisa crítica/etno pesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro 2010. p. 134

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 21, 22.

PETIT, M. S. F. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008. p.160.

SILVA, E. T. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. 2. ed. São Paulo: Ática: 2002.